

## **Santos e Santidade no Magistério do Papa Francisco**

### **(Porto, 19 de Fevereiro 2020)**

Excelência Reverendíssima, Senhor Dom Manuel da Silva Rodrigues Linda, Bispo desta Diocese do Porto,

Senhores Bispos Auxiliares,

Reverendos Padres, minhas Senhoras e meus Senhores,

O meu profundo agradecimento pelo honroso convite que foi feito pelo Senhor Bispo do Porto para participar nas celebrações dos 25 anos da fundação da Casa Diocesana de Vilar e o meu muito obrigado pela vossa significativa e expressiva presença.

A minha conferência tem como título “Santos e Santidade no magistério do Papa Francisco”, que passo ler:

Sumário: Introdução. 1. O realismo dos santos, como adesão ao Evangelho e ao território; 2. Os santos evangelizam com alegria; 3. Uma Igreja de pecadores e santos.

### **Introdução**

Gostaria de iniciar a minha reflexão, propondo-vos alguns princípios e perspectivas que o Papa Francisco indica no seu magistério. Gostaria de vos levar a considerar como é necessária, num tempo de crise mundial, o testemunho de homens e mulheres que, seguindo os ensinamentos de Jesus Cristo, se empenharam ou se empenham em todos os âmbitos a proteger e a salvaguardar os valores do humanismo cristão. O itinerário de reflexão que proponho tem como tema central a santidade, não como uma asserção abstrata, mas na sua concretização, indicando a vida de tantos que foram canonizados pela Igreja, mas também e sobretudo os que vivem fielmente a sua vida no mais completo anonimato. Os santos e as santas da porta do lado, pais, jovens de ambos os sexos, sacerdotes e consagrados e consagradas que todos os dias se empenham pela sua fé num mundo que não sabe mais esperar e que é indiferente perante o sofrimento dos outros.

Para Papa Francisco um primeiro princípio que identifica a santidade cristã e, por isso, os santos e as santas da Igreja, é o **realismo**, considerado como adesão ao Evangelho num determinado território. Tal princípio foi observado sob três perspectivas: a mentalidade de fé, a centralidade do território, o respeito pelos outros.

Do realismo dos santos e das santas se passa ao centro do seu testemunho: serem homens e mulheres portadores do Evangelho. Também neste caso o princípio fundamental é o seguinte: **os santos evangelizam**. Isto é estudado sob três vertentes: a parrésia, o discernimento dos espíritos e o espírito de pobreza.

A Igreja, então, não é uma comunidade de justos sem pecado, mas de homens e de mulheres que procuram Deus, reconhecendo quotidianamente o seu limite, a sua fragilidade e os seus pecados. O **princípio eclesiológico** resulta evidente na vida dos santos e das santas. A santidade é aquela que Deus faz resplandecer sobre a face da Igreja que deseja sempre mais assemelhar-se ao seu Fundador. Os novos desafios de hoje pedem testemunhas autênticas do amor de Deus pelas criaturas e pelo criado; temos necessidade de santos que nos ensinam como corresponder às moções do Espírito para sermos comunicadores da fé em Jesus Cristo. Três são as propostas do Papa: uma espiritualidade familiar, uma ecológica e uma missionária.

A santidade num modo realístico e evangélico nos impele a olhar para o Alto, a escutar o sopro do Espírito que orienta a comunidade para a plena comunhão com a Santa Trindade.

#### 1. O realismo dos santos, como adesão ao Evangelho e ao território

Uma primeira reflexão que o Papa Francisco propõe no delinear a santidade hoje é um critério próprio dos santos: a capacidade de ler a realidade na qual vivem e de empenhar-se no transformar em positivo o vivido em primeira pessoa. Poderemos descrever tal princípio com uma só palavra: **realismo**. Regressar à realidade tal como se nos apresenta aos nossos olhos. O Papa pede na *Evangelii Gaudium* que se observe de maneira objectiva, sincera e desinteressada o mundo que está mudando, a sociedade que sofre por causa das desigualdades e as dificuldades que encontram os indivíduos nas relações interpessoais.

O convite do Papa a sermos realistas para auscultar as novas exigências das pessoas encontra a sua raiz na experiência dos santos. Se poderia dizer que o critério para julgar este mundo se encontre precisamente na experiência dos santos. De facto, estes últimos, vivendo o Evangelho, experimentaram o contacto com o mundo sem lhe assumir os traços negativos, mas propondo a beleza da sequela de Jesus Cristo. Compreenderam e canalizaram a realidade em vista de uma harmonia social e ainda mais, em vista da comunhão perfeita com a Santa Trindade.

Interessante o número 233 da *Evangelii Gaudium* no qual o Papa descreve exactamente o sentir original dos santos, quando observavam e julgavam o mundo no qual viviam. Sublinha que o critério da realidade leva a Igreja a incarnar sempre e em todas as circunstâncias a Palavra de Deus. Isto nos leva a «valorizar a história da Igreja como história de salvação, a fazer memória dos nossos santos que inculturaram o

Evangelho na vida dos nossos povos»<sup>1</sup>. Os santos têm uma função importante na vida da Igreja, a de serem intérpretes autênticos do Evangelho num mundo que não sabe mais esperar e encontra em tantas efêmeras situações a sua salvação. O fazer memória dos santos ajuda cada crente e a própria comunidade cristã a mergulhar na salvação operada por Jesus Cristo; consente o contemplar ainda hoje a acção salvífica de Deus. Não é necessário inventar um novo Evangelho, mas é necessário ter os olhos dos santos e das santas que viam com o coração o seu mundo. Os santos levavam a Palavra à realidade, construindo uma sociedade mais justa e uma Igreja mais santa. O regressar à leitura dos santos nos impele a reconhecer que a Igreja vive o tempo do Espírito. Entrando nas suas vidas o crente se sacia na fonte do amor trinitário.

O realismo dos santos nos indica que a sociedade e a Igreja têm necessidade de um novo impulso vital e de uma renovada e apaixonada responsabilidade pelo outro. Os santos e as santas ensinam que confiar-se a Deus para transformar-se a si mesmo e os outros, é uma acção do Espírito Santo. Se quisermos, o critério do realismo é experiência de abertura à acção do Espírito Santo. A santidade da Igreja não é qualquer coisa de ideal ou abstrato, mas é vida na sua concretização, na qual o Espírito Santo guia cada crente no viver a própria fé em vista da comunhão eterna. O Espírito conduz à verdade toda inteira (Jo. 16,13); nos leva pela mão a acolher a Palavra para estar sempre mais em união com o Pai. Tem a missão de recordar no tempo e no espaço a obra salvífica do Filho de Deus, para que possamos ser sinal robusto do amor do Pai pela humanidade sofredora (Jo. 14,3). De facto «cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo»<sup>2</sup>. O Mestre interior conhece de que coisa tem necessidade a Igreja; conhece as exigências de todo o universo. Os santos e as santas se tornam, portanto, uma resposta significativa do Espírito perante as necessidades do momento; são uma palavra verdadeira de Deus que não deixa os seus sem um conforto e um encorajamento. É consolador pensar que o santo seja uma palavra e uma resposta do Espírito, porque vive profundamente o seu tempo. É rico de esperança considerar que o Espírito trabalhe ainda hoje, inspirando homens e mulheres prontos a dar a sua vida pelo Evangelho.

O próprio Papa afirma que «cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho»<sup>3</sup>. O Espírito de Deus mostra no santo a realização do projecto de Deus para aquele determinado território e para aquele tempo. Assim o santo mostra com claridade a missão que o Pai deseja para o crescimento da Igreja de Jesus Cristo. Naquele projecto podemos contemplar ainda uma vez mais como Deus não abandona os seus na tempestade, mas guia a sua Igreja para a meta segura. É interessante sublinhar que

---

<sup>1</sup> Ibid. 233.

<sup>2</sup> PAPA FRANCESCO, *Gaudete et exultate*, 21 Esortazione apostolica sulla chiamata alla santità nel mondo contemporaneo, 19, Figlie di San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2018.

<sup>3</sup> Ibid. 19.

o critério do realismo é um factor importante, para que se possa cumprir a missão do crente. Papa Francisco oferece também uma prospetiva de leitura da missão que o santo percebe na sua vida. Esta se pode compreender só a partir de Cristo: «a santidade é viver com Ele os mistérios da sua vida»<sup>4</sup>. O sentido pleno da missão e, por consequência, de toda a forma de realismo para o crente é o viver com Cristo e por Cristo. O realismo é experiência cristã, ou seja, um viver em profundidade o Evangelho. Com efeito os santos poderiam ser descritos como um *evangelho sem glosa*. São radicais na profecia, ou seja, viveram o Evangelho sem adocicá-lo, sem calmantes, expressão usada pelo Papa Francisco aos Superiores gerais para indicar que não é necessário diminuir a força do Evangelho<sup>5</sup>. Os santos eram considerados precisamente como *evangelho sem glosa*, ou seja homens e mulheres que profeticamente indicaram a estrada nos momentos de escuridão da Igreja. Ensinaram com o seu testemunho o seu ser discípulos missionários.

Quais características fundamentais emergem da existência dos santos que possam ser úteis para ter uma visão realística do mundo?

Antes de mais, **a mentalidade de fé**. É necessária, para compreender a realidade que nos circunda, uma mente formada pelos ensinamentos de Jesus Cristo. O Espírito Santos nos recorda a vida de Cristo, antes, nos torna semelhantes a Ele. A conformidade à vida de Jesus abre a nossa humanidade ao acolhimento do outro. A reciprocidade positiva e prepositiva nas relações é fruto de uma conversão da mente e do coração. Ter uma mentalidade de fé comporta uma superação de dois limites que bloqueiam qualquer forma de sã espiritualidade cristã. O neo-gnosticismo e o neo-pelagianismo são os limites dentro dos quais os cristãos se esforçam por viver o Evangelho. Estes condicionam não só o pensar teológico, mas também o agir pastoral e de consequência também a espiritualidade e a sã Tradição da Igreja<sup>6</sup>. Os santos e as santas demonstram ser fiéis servos da Palavra e da Igreja. Não vivem formas extremas da fé, mas antes, são homens e mulheres equilibrados que se empenham em ser sempre mais imagem e semelhança de Jesus Cristo. A humildade é a virtude dominante que conduz estas pessoas a ter uma mentalidade de fé.

O realismo dos santos nos ensina a **centralidade do território**. Se quisermos, o testemunho destes homens e destas mulheres mostram que o Evangelho se encarna num determinado contexto social, político e económico. As suas vidas não eram desencarnadas. O seu olho não pode fechar-se diante das problemáticas hodiernas. A humildade é um voltar-se para a terra, porque da terra provimos e à terra voltamos. O interesse pelo nosso mundo não é uma qualquer coisa que preocupa apenas a sociedade

---

<sup>4</sup> Ibid. 20

<sup>5</sup> PAPA FRANCESCO, «*Il Vangelo va preso senza calmanti*». *Conversazione con i Superiori generali*, in *La Civiltà Cattolica* 4000 (2017/1) 324-334.

<sup>6</sup> PAPA FRANCESCO, *Evangelii Gaudium*, 94-95; *Gaudete et exsultate*, 37-39; 59.

civil, mas é questão da nossa fé. Não nos podemos ser desencarnados, ou seja, incapazes de tocar «a carne sofredora de Cristo nos outros», propondo um «Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo» ou no oposto propondo uma Igreja super organizada sem alma. O Evangelho testemunhado pelo santo é experiência de frescura e não de doutrina fria e rígida nas prescrições ascéticas. A sua vida virtuosa é um dirigir sempre a sua atenção à realidade do seu território. Basta considerar a originalidade do monaquismo de ontem e de hoje. Santo António Abade na descrição de Santo Atanásio é um robusto indicador de como o homem novo em Cristo Jesus tenha feito paz com a criação inteira. O homem novo é fiel à palavra de Cristo e custódio do que o Verbo entregou nas mãos do Pai. Os Beneditinos, os Cartuxos, em geral as Ordens claustrais reproduzem o amor pela natureza como experiência cristã. O respeito pela natureza faz de São Francisco o emblema da fraternidade como comunhão entre os homens e a natureza. O amansar o lobo é o sinal potente de como o homem de Deus favorece a harmonia no criado.

**O respeito pelo outro** ou melhor **o amor pelo outro** é um indicador para ter uma visão objectiva da realidade. Os santos tinham um profundo respeito, um amor total por aqueles que encontravam. As suas vidas são um exemplo de humanidade não só para os crentes, mas para cada homem e mulher de boa vontade, porque amavam sem preconceitos. Estes tinham de mira o bem-estar de cada um como de toda a humanidade. O respeito por aqueles que sofrem no corpo e no espírito se devia ao que viviam na relação profunda com Deus. O abrir-se à Santa Trindade comporta um *ser-para-os* outros. O respeito é fruto de uma sincera reciprocidade, na qual a presença de Deus move à comunhão com todos. A humanidade de Jesus Cristo nos avizinha dos crucifixos de todos os tempos; nos impele a renovar as estruturas da sociedade; nos convida a dar uma esperança de futuro à Igreja. É precisamente o respeito que nos faz ser portadores da novidade evangélica. O crente, em caminho para o Reino, sai de si mesmo para encontrar os outros e formar uma humanidade nova. Como não recordar as linhas magisteriais de São João Paulo II ou as intuições espirituais de São Paulo VI! Escutar e dialogar para dar razões da própria fé é o ensinamento sempre novo do Concílio Vaticano II.

O Papa Francisco faz seu tal ensinamento, quando usa a expressão “Igreja em saída” e “Teologia em saída”. Os crentes não têm medo dos outros, mas em contextos difíceis testemunham a presença providencial de Deus. Nas Fontes Franciscanas se lê que «os frades que vão entre os infiéis podem comportar-se espiritualmente no meio deles em dois modos. Um modo é que não façam lutas nem disputas, mas sejam sujeitos a toda a criatura humana por amor a Deus e confessem serem cristãos. O outro modo é que, quando vejam que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus para que aqueles creiam em Deus onipotente Pai e Filho e Espírito Santo, criador de todas as coisas e

no Filho redentor e salvador, e sejam batizados e se façam cristãos»<sup>7</sup>. A bondade, a cordialidade e o respeito pelos outros tornam-se prerrogativas fundamentais para que o Evangelho da alegria se difunda. Isto era o motivo pelo qual os discípulos de Jesus desde as suas origens foram chamados cristãos, porque amavam, acolhendo a todos: «"Vede – dizem – como se amam entre eles (estes de facto, entre eles se odeiam), e como estão prontos a morrer um pelo outro" (estes, de facto, para se matarem entre eles estão mais prontos)»<sup>8</sup>. A Igreja, para o Papa Francisco, hoje tem necessidade mais que nunca de testemunha que «não se envergonham do Nome de Cristo e da sua Cruz nem defronte aos leões que rugem nem diante das potências deste mundo»<sup>9</sup>. O mundo precisa de testemunhas do ressuscitado humildes e corajosos que saibam afrontar os novos desafios no campo ético, económico, político e social.

## 2. Os santos evangelizam com alegria

São Paulo chama os discípulos de Jesus santos e santas, porque na quotidianidade testemunhavam a alegria de seguir o Senhor como novidade de vida. Com efeito o santo é um crente que faz da sua fé, um motor necessário para combater a boa batalha da vida em qualquer circunstância. O Apóstolo das gentes exorta Timóteo a confiar na sua fé que recebeu dos seus familiares desde a sua infância, fazendo experiência diária da presença de Jesus. Convida-o a anunciar o Evangelho da alegria em todo o momento não só com a palavra, mas com os factos, descobrindo sempre mais a beleza da palavra de Deus que consola, instruí, exorta e encoraja (2 Tm. 3, 14-16; 4,1-2). O Papa Francisco sublinha que é salutar recordar-se dos primeiros cristãos que ao longo da história estiveram transbordantes «de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência activa»<sup>10</sup>. Não se desencorajavam, nem eram profetas de desgraças diante dos perigos que enfrentavam todos os dias. Não murmuravam, dizendo que os seus tempos eram mais difíceis do que os precedentes. O desânimo é filho da pouca fé em Deus. Os santos não são super-heróis, mas gente do quotidiano que se esforçam por seguir o Senhor com escolhas concretas. A sua autenticidade não está na falta de imperfeições, mas está no desejo de servir Deus com a sua vida. Obedecem à voz de Deus, vivendo em plena comunhão com a Igreja.

Os santos e as santas desenvolveram a riqueza do seu baptismo, para que se pudesse anunciar o Cristo vivente a toda a criatura. A alegria de anunciar Jesus provém da consciência do próprio baptismo. O Papa Francisco nos recorda que o discípulo missionário é tal porque recebeu o baptismo: «cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um

<sup>7</sup> E.CAROLI (cur.) *Fonti Francescane*, 43, Messaggero Editore, Padova 2000.

<sup>8</sup> TERTULIANO, *Apologetico*, 39,7, in ID., *Opere apologetiche*, Città Nuova, Roma 2006.

<sup>9</sup> PAPA FRANCESCO, Omelia nella Santa Messa e Benedizione dei Palli per i nuovi metropolitani nella solennità dei Santi

<sup>10</sup> Ibid., 120.

sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas recetor das suas acções. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos baptizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe dêem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»<sup>11</sup>. Esta longa citação é importante, porque o cristão que vive a alegria do Evangelho no trabalho, em casa, na doença ou na saúde, na solidão ou na companhia, se confronta todos os dias com as dificuldades de viver. Anuncia Cristo com uma vida santa, a que se experimenta no realizar escolhas que empenham para o bem do próximo sem ter em conta os seus próprios interesses.

Existem três características que emergem do facto que os santos evangelizam e que quero expor para que as suas vidas sejam de estímulo a cada um de nós.

A primeira é a **parresia**, palavra antiga quanto moderna. A franqueza no falar é um factor importante, para que o Evangelho seja acolhido num mundo que não espera a salvação e que conheceu os limites do homem da Igreja. A sinceridade no falar é próprio do nosso Papa que tem a coragem de denunciar não só os pecados que fazem sofrer a comunidade cristã, mas também os falhanços da sociedade globalizada. Afirmo com força que a santidade é parresia: «é ousadia, é impulso evangelizador que deixa uma marca neste mundo. Para isso ser possível, o próprio Jesus vem ao nosso encontro, repetindo-nos com serenidade e firmeza: «não temais!» (*Mc* 6, 50). «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (*Mt* 28, 20). Estas palavras permitem-nos partir e servir com aquela atitude cheia de coragem que o Espírito Santo suscitava nos Apóstolos, impelindo-os a anunciar Jesus Cristo»<sup>12</sup>. A parresia pode ser declinada em tantos modos: audácia, sinceridade, entusiasmo, fervor apostólico. Se observarmos com atenção o desenvolvimento da história da Igreja, não podemos não reconhecer que esta característica foi própria de homens e mulheres que amaram a Igreja. O testemunho de sangue de tantos cristãos no passado como no presente nos interroga sobre a coragem de anunciar a própria fé com o custo da própria vida. A franqueza das mulheres, como Hildegarda de Bingen, Catarina de Siena, Madre Teresa de Calcutá corajosas, como a Virgem Maria, no denunciar as dificuldades que vivia e vive a Igreja sem terem medo de serem julgadas<sup>13</sup>. Para o Papa a parresia é «o selo do Espírito,

<sup>11</sup> Ibid.,120.

<sup>12</sup> PAPA FRANCESCO, *Gaudete et exsultate*,129.

<sup>13</sup> PAPA FRANCESCO, Donne coraggiose. Meditazione mattutina nella cappella Domus Sanctae Marthae, (31 maggio 2016), in [www.vatican](http://www.vatican) » content » francesco » cotidie » documents » papa-fr.

testemunho da autenticidade do anúncio»<sup>14</sup>. Com efeito a franqueza não provém de uma visão pessoal da Igreja e do mundo, mas de uma confiança na acção do Espírito que move o crente a edificar o Corpo místico de Cristo com o concurso dos próprios dons e carismas. A parresia é sincera, na medida em que se é humilde servidor da comunidade. Não é a arrogância da própria verdade, mas é serviço ao bem comum: é um pensar e agir na comunhão eclesial. Os santos e as santas ensinam que o falar com liberdade é experiência eclesial, porque se ama a Igreja e se a serve. Frequentemente nos apercebemos que não se obedece para o crescimento da comunidade, mas nos servimos dela para alcançar os próprios fins e se confunde parresia com falta de escrúpulos e intolerância. Os santos que proclamam o Evangelho se gloriam não das próprias capacidades intelectuais ou de organização, mas têm um só objectivo: *a maior glória de Deus e a salvação das almas*.

Uma outra característica dos santos que evangelizam é o **discernimento dos espíritos**, expressão típica da espiritualidade inaciana, mas que está presente em vários modos na vida de homens e mulheres que se empenharam por uma Igreja e por um mundo melhores<sup>15</sup>. A franqueza no falar não pode ser separada de uma séria e profunda procura daquilo que Deus deseja. Para São Paulo os cristãos de Roma não devem conformar-se com a mentalidade do século, mas, renovando a própria mente, devem discernir «a vontade de Deus, ou seja, o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito» (Rm. 12,2). A influência das modas e dos ventos culturais do mundo não deve marcar a procura do que Deus deseja. A intenção é fazer crescer o reino de Deus, reino de paz, de concórdia, de justiça em vista do possesso dos bens eternos. No seu magistério o Papa Francisco adverte a urgência de propor o discernimento como meio para poder colher a presença de Deus nas concretas situações de vida<sup>16</sup>.

Como poder discernir o que é que vem do Espírito Santo ou do espírito do mundo ou do diabo? Os santos mostram que o confiar na Igreja é a primeira condição para poder discernir a vontade de Deus do que é próprio interesse ou desejo. O discernimento é uma operação que implica numa relação profunda o Espírito Santo e o crente acompanhado de um homem ou de uma mulher peritos em Deus. Cultivar a vida interior é fundamental, para que se possa reconhecer a presença de Deus que endereça o caminho de cada qual como de toda a comunidade cristã. O discernimento é pedido pela própria Igreja no seu caminho ao longo da história humana. Meter-se à escuta do Espírito Santo é próprio do anunciar o Evangelho de Jesus. Se não nos pomos em obediência ao Espírito, não se pode colher o que o Senhor está sugerindo á sua Igreja. É precisamente a procura de crescimento da comunidade que torna verdadeiro

<sup>14</sup> PAPA FRANCESCO, *Gaudete et exsultate*, 132.

<sup>15</sup> IGNAZIO DI LOYOLA, *Esercizi spirituali*, 313-336, Editrice Paoline, Cinisello Balsamo (MI) 1995.

<sup>16</sup> PAPA FRANCESCO, *Gaudete et exsultate*, 166-174 em particular.

o discernimento espiritual, porque não se procura a própria vontade, mas o que é bom, perfeito e agradável a Deus.

O Papa Francisco sublinha que a evangelização será eficaz, na medida em que o crente viverá um **espírito de pobreza**. Para anunciar o Evangelho os discípulos de Jesus percorreram as estradas do mundo sem instrumentos excepcionais, mas na simplicidade das próprias pessoas (Mc. 6,7-13). O Evangelista Marcos descreve de maneira detalhada o modo de vestir e de se comportar dos discípulos mandados a anunciar a bela notícia. Não é descrito qual argumento principal deve ser proclamado, se não que o reino de Deus está próximo e que cada homem é chamado à conversão do coração. Fazem reflectir particularmente os detalhes que apelam à essencialidade, a pobreza, primeira percepção que se tem quando se deseja anunciar o reino de Deus. O Papa indica a via da pobreza como própria da santidade cristã: o Evangelista Lucas «não fala de uma pobreza “de espírito” mas se ser «pobres» e basta (cfr Lc. 6,20), e assim nos convida também a uma existência austera e despojada. Deste modo, nos chama a partilhar a vida dos mais necessitados, a vida que conduziram os Apóstolos e em definitiva a configurar-se a Jesus, que «sendo rico, se fez pobre» (2 Cor. 8,9). Ser-se pobres no coração, isto é santidade»<sup>17</sup>. O convite a levar o anúncio com simplicidade de vida às periferias existenciais comporta um considerar a riqueza o que é julgado como descartável<sup>18</sup>. A pobreza apela à santidade que é radicalidade evangélica. Os santos canonizados e os que vivem Deus quotidianamente são radicais, porque fizeram de Deus a sua única riqueza. Dirigiram o seu olhar para os pobres da terra, para que se realize o reino de Deus.

### 3. Um Igreja de pecadores e santos

Os discípulos de Jesus se encaminham todos os dias para a Jerusalém celeste, reconhecendo os próprios limites e pecados. O Papa Francisco questiona-nos: «em que sentido a Igreja é santa se vemos que a Igreja histórica, no seu caminho ao longo dos séculos, teve tantas dificuldades, problemas, momentos escuros? Como pode ser santa uma Igreja feita de ser humanos, de pecadores? Homens pecadores, mulheres pecadoras, sacerdotes pecadores, irmãs pecadoras, Bispos pecadores, Cardeais pecadores, Papa pecador? Todos. Como pode ser santa uma Igreja assim?»<sup>19</sup>. A Igreja é santa pela acção do Espírito Santo que a purifica, a renova e a transforma. É bela, porque a tornou tal o amor de Jesus Cristo que se deu totalmente ao Pai e aos irmãos. A oblatividade faz santa a Igreja: o ser para o outro é o pano de fundo da beleza da Igreja que torna semelhante ao seu Fundador.

<sup>17</sup> PAPA FRANCESCO, *Gaudete et exsultate*, 70.

<sup>18</sup> PAPA FRANCESCO, *Gaudete et exsultate*, 54.

<sup>19</sup> PAPA FRANCESCO, Udienna generale, 1-2, (2 ottobre 2013), in [www.vatican.va](http://www.vatican.va), 2013, papa-francesco, 20131002 udienna generale.

A realidade de cada dia nos faz compreender que cada cristão tem necessidade de se converter, de mudar a própria mentalidade para ser fiel a Jesus Cristo. Para o Papa Francisco a Igreja é formada por pecadores que desejam ser transformados pela acção do Espírito Santo. Acolhe quem errou; se faz solidária com quem se sente abandonado e afastado de Deus: «a Igreja, que é santa, não recusa os pecadores; não recusa nenhum de nós; não recusa porque chama a todos, os acolhe, é aberta também aos mais distantes, chama todos a deixar-se envolver pela misericórdia, pela ternura e pelo perdão do Pai, que oferece a todos a possibilidade de o encontrar, de caminhar para a santidade»<sup>20</sup>. A santidade e o pecado são o paradoxo e a tensão que vive toda a comunidade cristã. Esta contempla a beleza que infunde o Espírito, mas é também consciente da própria fragilidade e das próprias misérias. Não desiste de pedir a assistência do Espírito que lhe faz sentir a potência perdoadora da misericórdia. Tal tensão é ínsita na realidade da Igreja e é sempre um tema sobre o qual reflectir para ser-se conscientes da origem divina e da sua constituição humana.

O estudioso Latourelle indicava nos anos turbulentos do pós-Concílio que a via da santidade é constituída pela graça de Deus infusa em abundância sobre os pecadores que desejam reconciliar-se com Deus e com os homens<sup>21</sup>. Para o Papa «o Senhor nos quer como parte de uma Igreja que sabe abrir os braços para acolher todos, que não é a casa de poucos, mas a casa de todos, onde todo podem ser renovados, transformados, santificados pelo seu amor, os mais fortes e os mais débeis, os pecadores, os indiferentes, aqueles que se sentem desencorajados e perdidos. A Igreja a todos oferece a possibilidade de percorrer a estrada da santidade, que é a estrada do cristão: nos faz encontrar Jesus Cristo nos Sacramentos, especialmente na Confissão e na Eucaristia; nos comunica a Palavra de Deus, nos faz viver na caridade, no amor de Deus para com todos»<sup>22</sup>.

O banco de prova da santidade da Igreja é precisamente a quotidianidade feita de pequenos gestos. «A vida comunitária, na família, na paróquia, na comunidade religiosa ou em qualquer outra, compõe-se de tantos pequenos detalhes diários»<sup>23</sup>. É no decorrer do dia que o cristão experimenta a sua comunhão com Jesus Cristo; percebe a sua adesão de fé. Quando deve fazer escolhas importantes sobre a sua vida, apercebe-se o desejo de seguir o Senhor em novidade de vida. Isto acontece quotidianamente para com os pais, para com os filhos, para com aqueles que trabalham ou para com aqueles que por motivos de saúde se encontram acamados. A santidade é aquela da “porta ao lado”, ou seja é aquela que vivem todos os dias os cristãos em qualquer parte

---

<sup>20</sup> Ibid,2.

<sup>21</sup> R. LATOURELLE, *Cristo e la Chiesa, segni di salvezza, paradosso e tensioni*, Cittadella Editrice, Assisi 1980.

<sup>22</sup> PAPA FRANCESCO, Udiienza generale, 1-2, (2 ottobre 2013).

<sup>23</sup> PAPA FRANCESCO, *Gaudete et exsultate*, 143.

do mundo. Testemunham o amor a Jesus com risco da própria vida sem nunca ter em conta os próprios interesses particulares.

A santidade do quotidiano é aquela de todo o crente é chamado a viver para ser de Cristo e da Igreja. a dimensão eclesial não pode ser dispensada, antes esta é necessária, porque é uma rede de relações que podem edificar todos e fazer crescer todos. O Papa Francisco afirma que «o Senhor, na história da salvação, salvou um povo. Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana: Deus quis entrar numa dinâmica popular, na dinâmica dum povo»<sup>24</sup>. A santidade é contagiosa, porque é testemunho veraz da presença de Deus no seu povo. Quem encontra um homem ou uma mulher que vivem intensamente a fé, lutando cada dia para serem coerentes, é fascinado pela sua experiência. Estes tornam-se modelos de vida para renovar as relações que frequentemente se tornam pesadas pelo pecado pessoal e pela influência do mundo. Os santos e as santas constroem relações humanas maduras e solidárias; criam uma Igreja mais viva e mais sincera. Existem homens e mulheres que acreditam fortemente na Igreja una e santa. O Papa cita em particular o exemplo de Suor Maria Gabriella Sagheddu na *Gaudete et exultate*, que rezava e oferecia a sua vida pela unidade da Igreja. A Serva de Deus Chiara Lubich gastou toda a sua existência no anunciar o Evangelho da unidade e da comunhão na Igreja e entre os homens e as mulheres de boa vontade. Testemunhou com a vida que o amor trinitário funda e dá sentido à comunhão entre os homens; mostrou que o ideal da unidade não é uma questão abstrata, mas experiência de fraternidade e de abertura aos outros sem ter medo de se confrontar.

Não se pode esquecer o sacrifício de inteiras comunidades que em nome de Jesus deu a sua vida. O Papa recorda a todos os cristãos que «a santificação é um caminho comunitário, que se deve fazer dois a dois. Reflexo disto temo-lo em algumas comunidades santas. Em várias ocasiões, a Igreja canonizou comunidades inteiras, que viveram heroicamente o Evangelho ou ofereceram a Deus a vida de todos os seus membros. Pensemos, por exemplo, nos sete Santos Fundadores da Ordem dos Servos de Maria, nas sete Beatas religiosas do primeiro mosteiro da Visitação de Madrid, em São Paulo Miki e companheiros mártires no Japão, em Santo André Taegon e companheiros mártires na Coreia, em São Roque González, Afonso Rodríguez e companheiros mártires na América do Sul. E recordemos também o testemunho recente dos monges trapistas de Tibhirine (Argélia), que se prepararam juntos para o martírio. De igual modo, há muitos casais santos, onde cada cônjuge foi um instrumento para a

---

<sup>24</sup> Ibid.,6.

santificação do outro. Viver e trabalhar com outros é, sem dúvida, um caminho de crescimento espiritual»<sup>25</sup>.

A santidade é vivida em comunhão, porque é uma contínua doação de si aos outros, tendo seguido os ensinamentos de Jesus Cristo. Os cristãos são chamados à santidade nas suas realidades existenciais. Seguindo a riqueza do próprio baptismo, o Papa indica algumas estradas que se podem percorrer, para que se possa viver a santidade nos lugares de trabalho ou na vida familiar. Sublinha que no seu magistério mostrou a necessidade de desenvolver uma espiritualidade ecológica, uma missionária e enfim familiar<sup>26</sup>. Estes rastros de espiritualidade nos interrogam sobre âmbitos da vida social que frequentemente são considerados pelo cristão como distantes da própria sensibilidade espiritual.

O Espírito suscita hoje na Igreja o desejo de salvaguardar o criado da acção do pecado e da influência nefasta da mentalidade secular. A economia e a finança têm necessidade de homens e mulheres que santifiquem este âmbito das relações sociais. Como não recordar o exemplo do sacerdote americano que em plena depressão do ano de 1929 construiu uma economia virtuosa e ofereceu a tantos a possibilidade de resistir naquele período escuro da economia norte-americana. Padre Nelso Baker ensina como a economia não é um monstro a combater, mas é uma realidade humana que deve ser gerida por valores cristãos. Ou ainda o italiano Giuseppe Toniolo que lançou as bases para uma economia circular e inclusiva, dando testemunho de fé e de caridade operativa. O pedido do Papa de reunir os economistas jovens é um modo de entender que os valores cristãos são fundamentais também para uma nova visão da economia sob o exemplo de São Francisco<sup>27</sup>. A espiritualidade ecológica é própria da cultura espiritual do crente, enquanto se relaciona com o mundo, reconhecendo nela a presença providencial de Deus.

A espiritualidade missionária está ínsita na fé cristã. O ir levar o alegre anúncio aos longínquos deve ser um sentimento de todas as comunidades cristãs. A responsabilidade do anúncio é própria do crente e não só dos sacerdotes. O empenhar-se pelas igrejas longínquas deveria ser de cada paróquia, pelo que se poderiam criar laços entre as várias realidades, acudindo às necessidades reciprocamente.

Gostaria de concluir com uma importante proposta pastoral que vem de São João Paulo II na *Novo Millenio Ineunte*, quando usa uma expressão bastante original, mas que hoje assume um valor a realizar necessariamente: programação pastoral da santidade<sup>28</sup>. A Igreja está empenhada em propor itinerários de fé, nos quais cada

<sup>25</sup> Ibid.,141

<sup>26</sup> Ibid.,28.

<sup>27</sup> PAPA FRANCESCO, Lettera del Santo Padre Francesco per l'evento "Economy of Francesco" (Assisi, 26-28 marzo 2020), in [www.vatican.va](http://www.vatican.va), papa-francesco 20190501 giovani imprenditori.

<sup>28</sup> GIOVANNI PAOLO II, *Lettera apostolica Novo millenio ineunte*, 31, in *Acta Apostolicae Sedis* 93 (2001) 287-288.

condição de vida possa experimentar a beleza da sequela transformando a própria existência numa doação total aos outros. Propor uma pedagogia da santidade é necessário, para que se possa traduzir em acto a espiritualidade ecológica ou a missionária e familiar. As dificuldades do momento não devem nos desencorajar, porque o Senhor doa à sua Igreja testemunhas autênticas do amor; existirão sempre homens e mulheres que nos indicarão a estrada da vida a percorrer para se chegar expeditamente aos braços do Pai de todas as misericórdias.